



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Geociências
Instituto de Artes
Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo

BIANCA BOSSO DE MEDEIROS FONSECA

**AMPLIANDO A DIVULGAÇÃO DO PROJETO "DA COMPREENSÃO
BÁSICA A BIOMARCADORES CLÍNICOS PARA A
ESQUIZOFRENIA"**

**CAMPINAS,
2022**

BIANCA BOSSO DE MEDEIROS FONSECA

**AMPLIANDO A DIVULGAÇÃO DO PROJETO "DA COMPREENSÃO
BÁSICA A BIOMARCADORES CLÍNICOS PARA A
ESQUIZOFRENIA"**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto Geociências, Instituto de Artes e
Laboratório de Estudos Avançados em
Jornalismo da Universidade Estadual de
Campinas.**

Orientadora: Profa. Dra. Sabine Boettger Righetti

Co-orientador: Prof. Dr. Daniel Martins-de-Souza

**Este exemplar corresponde à versão
final do Trabalho de Conclusão de Curso defendido
pela aluna Bianca Bosso de Medeiros Fonseca e
orientado pelos professores Dra. Sabine Boettger
Righetti e Dr. Professor Doutor Daniel Martins-de-Souza.**

**CAMPINAS,
2022**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Marta dos Santos - CRB 8/5892

F733a Fonseca, Bianca Bosso de Medeiros, 1997-
Ampliando a divulgação do projeto "Da compreensão básica a biomarcadores clínicos para a esquizofrenia" / Bianca Bosso de Medeiros Fonseca. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Sabine Righetti.

Coorientador: Daniel Martins de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Divulgação científica. 2. Jornalismo científico. 3. Esquizofrenia. 4. Depressão. 5. Saúde mental. I. Righetti, Sabine, 1981-. II. Martins-de-Souza, Daniel, 1979-. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. IV. Título.

Informações adicionais complementares

Titulo em outro idioma: Expanding the dissemination of the project "From basic understanding to clinical biomarkers for schizophrenia"

Palavras-chave em inglês:

Scientific communication

Scientific journalism

Schizophrenia

Depression

Mental Health

Área de concentração: Jornalismo Científico

Titulação: Especialista

Banca examinadora:

Germana Fernandes Barata

Maria das Graças Conde Caldas

Paula Felício Drummond de Castro

Data de entrega do trabalho definitivo: 05-12-2022

Resumo

O presente Relatório Final descreve as atividades realizadas durante o período de vigência do projeto "Ampliando a divulgação do projeto "Da compreensão básica a biomarcadores clínicos para a esquizofrenia"", apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no primeiro semestre de 2022. Foram produzidos 15 textos no total, sendo 9 diretamente relacionados ao projeto e 6 provenientes de disciplinas do curso de pós-graduação em Jornalismo Científico - realizado concomitantemente ao trabalho. As matérias foram distribuídas em diferentes veículos midiáticos e repercutiram em mais de 100 sites, jornais e revistas de alcance local e nacional, otimizando o alcance das informações sobre saúde mental produzidas no Laboratório de Neuroproteômica (LNP) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), bem como outros tópicos relacionados à Ciência.

Palavras-chave: Divulgação Científica; Jornalismo Científico; Esquizofrenia; Depressão; Saúde Mental.

Abstract

The following Final Report describes the activities carried out during the term of the project "Increasing the dissemination of the project "From basic understanding to clinical biomarkers for schizophrenia"", presented to the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) in the first half of 2022. A total of 15 texts were produced, 9 of which were directly related to the studies produced at the Neuroproteomics Laboratory (LNP) of the University of Campinas (Unicamp), and 6 were related to disciplines of the course of specialization on Scientific Journalism - carried out concurrently with the work. The articles were distributed through different medias and had repercussions on more than 100 websites, newspapers and magazines at local and national level, optimizing the reach of information about mental health produced as well as other science-related topics.

Keywords: Scientific Communication; Scientific Journalism; Schizophrenia; Depression; Mental Health.

Sumário

Introdução	6
Breve histórico da esquizofrenia e a importância dos biomarcadores	7
Objetivo	8
Resumo das atividades desenvolvidas	8
Detalhamento das atividades desenvolvidas	8
Integração no laboratório e seleção de pautas	8
Produção de conteúdos de divulgação	9
Como os distúrbios psiquiátricos são retratados na mídia?	9
A produção em números	11
Estudos e curso de divulgação científica	15
Discussão	16
As agências de notícias e o jornalismo científico	17
Considerações finais	18
Referências	18
Materiais complementares	20
Esquizofrenia: uma história sobre a mídia e a identidade dessa doença	20
Os tons de verde na política ambiental brasileira	25
Memória, mídia e esquizofrenia: uma relação de lembrança e silenciamento	34

Introdução

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 5,8% da população brasileira sofre de depressão e 1% de esquizofrenia. Ainda que esses números representem quase 15 milhões de pessoas, o sofrimento relativo aos sintomas do transtorno e aos efeitos colaterais das medicações é somado às consequências do estigma¹ social culturalmente implantado que ainda envolve os transtornos psicológicos e resulta em atitudes preconceituosas e exclusivas (ROCHA et al, 2015).

Alguns dos principais alimentos para a estigmatização dos transtornos mentais incluem a falta de informação (PRADO et al, 2016) e a desinformação. Não é difícil enumerar filmes, novelas e outros conteúdos de entretenimento que representam portadores de doenças mentais de forma estereotipada e caricaturizada, como alguém incapaz, preguiçoso ou ameaçador, por exemplo (ROCHA et al, 2015). Tal representação reflete a visão distorcida que a sociedade tem dessa população e acaba agindo como um mecanismo retroalimentador que estimula a intensificação da estigmatização.

Do outro lado desse mesmo véu, a complexidade biológica dos mecanismos envolvidos no desenvolvimento e tratamento das doenças mentais crônicas ainda desafia diariamente os cientistas. O desenvolvimento de terapias mais eficazes, com menos efeitos colaterais ou com tempo de ação reduzido, por exemplo, bem como o entendimento dos processos envolvidos no funcionamento dos remédios atuais, depende da compreensão de diversos mecanismos biológicos que ainda não são completamente esclarecidos para a comunidade científica.

Somando estes dois fatores, é evidente que a disseminação de informações precisas e acessíveis sobre os transtornos psicológicos é um grande desafio a ser superado e constitui um ponto-chave para melhorar a inclusão social e qualidade de vida dos pacientes acometidos. É importante, porém, salientar que o sucesso dessa missão não reside somente em repassar os avanços científicos construídos no campo da saúde mental de forma pura e descontextualizada e depende

¹Entende-se como “estigma” uma diferenciação negativa relacionada à presença de uma “marca”, como determinados transtornos ou condições, que estereotipam o comportamento ou mesmo o caráter de seu portador.

principalmente de dois fatores: furar a bolha da estigmatização e gerar na população um senso de familiaridade ao tratar de conteúdos complexos.

Breve histórico da esquizofrenia e a importância dos biomarcadores

A esquizofrenia foi descrita como uma condição médica em meados do século XIX. Antes mesmo de o pesquisador Emil Krapelin, da Ludwig Maximilian University of Munich, formular a descrição médica da então chamada “demência prematura”, sintomas semelhantes aos causados por essa condição - como alucinações e alterações comportamentais - foram relatados e eram vistos pela sociedade sob uma ótica bastante negativa, carregada por misticismos, estereótipos e preconceitos.

Os tratamentos modernos, que começaram a ser estudados no século XX, já são capazes de controlar os sintomas da doença e proporcionar uma rotina normal ao paciente. No entanto, além de o estigma continuar cercado e afetando a vida das pessoas com esquizofrenia, a doença ainda desafia a Ciência na busca por respostas sobre a Biologia do distúrbio e tratamentos mais eficazes. Nesse sentido, o estudo dos biomarcadores biológicos é uma ferramenta recente e poderosa para gerar novas informações e guiar a produção de medicamentos ou novas vias para diagnóstico, por exemplo.

No Laboratório de Neuroproteômica (LNP) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o foco de estudo são os biomarcadores proteicos do sistema nervoso - proteínas que, quando presentes, indicam a ocorrência de determinados processos biológicos ou respostas a substâncias no organismo. De forma simplificada, pode ser possível dizer se uma célula está ou não desempenhando uma função normalmente através da análise desses marcadores.

As pesquisas com essas proteínas já vêm colaborando para ampliar significativamente a gama de informações sobre a esquizofrenia, favorecendo desde o entendimento básico de suas causas e efeitos até a formulação de remédios e terapias. Compartilhar esses resultados e o significado dos mesmos com a população não especializada é essencial para melhorar a compreensão da doença de forma holística e reduzir a perpetuação do estigma.

Objetivo

A proposta apresentada visa ampliar a visibilidade das atividades desenvolvidas no Laboratório de Neuroproteômica da Universidade Estadual de Campinas, com ênfase nas pesquisas e trabalhos vinculados ao projeto “Da compreensão básica a biomarcadores clínicos para a esquizofrenia: um estudo multidisciplinar centrado na neuroproteômica”, apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O plano proposto inclui a participação em reuniões e discussões do laboratório, bem como a realização de entrevistas com especialistas no assunto e a produção de reportagens, notícias, podcasts e outras mídias julgadas interessantes para colaborar para a divulgação dos resultados obtidos nas pesquisas em questão e ampliar a compreensão da população brasileira sobre os estigmas que envolvem a saúde mental, em especial a esquizofrenia e a depressão.

Resumo das atividades desenvolvidas

No período em que compreende este relatório, foram produzidos 9 textos que, somados, repercutiram em ao menos 100 veículos de alcance regional e nacional. O material foi publicado primariamente no site da Agência Bori, no Jornal da Unicamp e no Observatório da Imprensa e foi compartilhado em sites como UOL, Scientific American, FAPESP na Mídia, Agência Brasil, entre outros.

Concomitantemente, a bolsista finalizou os dois últimos semestres do curso de Especialização em Jornalismo Científico da Unicamp, onde produziu mais 7 materiais de divulgação e jornalismo científico sobre temas diversos.

Detalhamento das atividades desenvolvidas

Integração no laboratório e seleção de pautas

O início das atividades referentes à bolsa ocorreu no dia 23 de março de 2022, quando a beneficiária participou de uma reunião coletiva com os integrantes do Laboratório de Neuroproteômica. Esse momento foi importante para que, junto

ao supervisor científico, a bolsista apresentasse sua proposta ao grupo e abrisse uma janela de comunicação com os mesmos.

O próximo passo foi agendar encontros virtuais individuais com cada um dos membros do LNP para realizar um mapeamento das atividades desenvolvidas pelo grupo. Foram realizadas 9 reuniões curtas, de 15 a 30 minutos, onde a beneficiária buscou entender a atuação dos pesquisadores no laboratório e a visão dos mesmos sobre o potencial de divulgação dos projetos.

Foi interessante notar que, ao se depararem com a pergunta “qual público poderia se interessar por textos de divulgação sobre o seu projeto?”, muitos dos pesquisadores não souberam responder em um primeiro momento e levaram alguns minutos para refletir. Inclusive, uma parte significativa confessou que nunca antes havia pensado a respeito.

Acredito que essas conversas foram uma via de mão dupla para a construção do projeto aqui descrito e para destacar como a divulgação científica é um membro importante da atividade acadêmica. Uma das cientistas que participou dos encontros confessou que nunca havia sido entrevistada ou participado da produção de materiais para o público extra-acadêmico e disse que essa seria uma oportunidade interessante para expandir os horizontes de sua carreira.

Ao fim das reuniões, um encontro extra com a supervisora Sabine Boettger Righetti foi feito para identificar possíveis pautas de divulgação.

Durante a vigência da bolsa, a beneficiária também participou como ouvinte de diversos encontros virtuais realizados pelo LNP, o que ajudou a aprofundar o vínculo com o tema, e de um evento online realizado pela Agência Bori para alinhar a produção de textos da equipe de redatores.

Produção de conteúdos de divulgação

Como os distúrbios psiquiátricos são retratados na mídia?

Junto ao primeiro contato com os pesquisadores do laboratório, teve início o processo de familiarização com o tema e busca por referenciais. As pesquisas realizadas neste momento deram origem ao texto “Esquizofrenia: uma história sobre a mídia e a identidade dessa doença” (disponível como material complementar),

produzido durante a disciplina de História da Comunicação da Ciência como parte do curso de Especialização em Jornalismo Científico.

Os estudos deixaram evidente que a esquizofrenia, a depressão e, de forma mais abrangente, os distúrbios psiquiátricos são majoritariamente representados de uma forma negativa na mídia internacional, priorizando conteúdos estigmatizados e sombreando, muitas vezes, os avanços científicos relativos ao diagnóstico e tratamento das condições.

Essa tendência parece ser verdadeira desde os primórdios da divulgação de materiais sobre saúde e, mesmo que pareça existir um movimento dos veículos modernos para contornar a situação, a mídia do século XXI ainda carrega os reflexos do que foi produzido nos séculos anteriores.

Com isso em mente, a produção descrita neste relatório buscou enfatizar, de forma clara e contextualizada, dados científicos que mostram avanços na compreensão dos transtornos psicológicos, evitando propagar estereótipos sobre as características da doença ou mesmo generalizar as condições vividas pelos pacientes.

Essa não foi uma tarefa fácil. O estigma que cerca as doenças mentais está tão enraizado de forma intersubjetiva que, às vezes, se evidencia no discurso ou na formulação de perguntas. Um exemplo pode ser observado quando, no dia 9 de novembro de 2022, o jornalista William Bonner se referiu, em transmissão nacional, à esquizofrenia como um sinônimo genérico de loucura, desvalidando as individualidades da doença e ajudando a disseminar o estereótipo.

Como mencionou Ary Gadelha, Coordenador Geral do Programa de Esquizofrenia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em entrevista para a referida produção, “Não é que busquemos esconder o lado difícil de ter esquizofrenia, mas é que as pessoas com esquizofrenia são muito mais do que a sua doença e podem ser fantásticas”, diz o pesquisador.

Tanto as pesquisas como a conversa com Ary Gadelha foram essenciais para identificar e evitar possíveis equívocos durante a divulgação. Ademais, o apoio contínuo e sempre próximo do orientador Daniel Martins-de-Souza assegurou que as informações divulgadas estavam de acordo com os dados científicos e respeitavam não só os pacientes acometidos com esses transtornos, mas também as famílias e os demais pesquisadores.

A produção em números

Foram publicados 9 textos relacionados às atividades desenvolvidas no LNP, sendo 6 no site da Agência Bori, 2 no Jornal da Unicamp (JU) e 1 conteúdo foi aprovado no site Observatório da Imprensa. Somados, os cinco artigos distribuídos pela Agência Bori repercutiram em ao menos 108 veículos, ou seja, foram citados, mencionados e utilizados como fonte por mais de 100 outros jornais, revistas e sites. Os resultados obtidos estão sintetizados na tabela 1.

Conteúdos produzidos sobre trabalhos realizados no LNP Unicamp				
Título	Revista	Data	Repercussão	Divulgação primária
Canabinóides podem ter papel essencial no tratamento de doenças neurológicas	European Archives of Psychiatry and Clinical Neurosciences	27/05/2022	59	Agência Bori. Disponível em: https://abori.com.br/saude/canabinoides-podem-ter-papel-essencial-no-tratamento-de-doencas-neurológicas/
Exame em desenvolvimento pode facilitar o tratamento de distúrbios psiquiátricos	-	08/06/2022	3	Agência Bori. Disponível em: https://abori.com.br/saude/exame-em-desenvolvimento-pode-facilitar-o-tratamento-de-disturbios-psi-quiatricos/#:~:text=psiqui%C3%A1tricos%20%2D%20Ag%C3%AAncia%20BORI-,Exame%20em%20desenvolvimento%20pode%20facilitar%20o%20tratamento%20de%20dist%C3%BArbios%20psiqui%C3%A1tricos.tratamento%20de%20pacientes%20com%20esquizofrenia.
Estudo inédito investiga o papel de células de suporte do cérebro no tratamento da depressão	-	14/06/2022	6	Agência Bori. Disponível em: https://abori.com.br/saude/estudo-inedito-investiga-o-papel-de-celulas-de-suporte-do-cerebro-no-tratamento-da-depressao/
Estudo busca “impressões	Molecular Neurobiology	2/08/2022	7	Agência Bori. Disponível em:

digitais” do Zika brasileiro no cérebro				https://abori.com.br/saude/estudo-busca-impressoes-digitais-do-zika-brasileiro-no-cerebro/
Conhecer a “assinatura molecular” da depressão em idosos pode contribuir para tratamentos mais eficazes, aponta estudo	Journal of Proteomics	13/09/2022	33	Agência Bori. Disponível em: https://abori.com.br/saude/conhecer-a-assinatura-molecular-da-depressao-em-idosos-pode-contribuir-para-tratamentos-mais-eficazes-aponta-estudo/
Estudo sobre os efeitos da Covid no cérebro é publicado em revista internacional	Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)	16/08/2022	-	Jornal da Unicamp (JU). Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2022/08/23/estudo-analisa-os-efeitos-da-covid-no-cerebro
Professor do Instituto de Biologia é premiado em Conferência Internacional	-	21/11/2022	-	Jornal da Unicamp (JU). Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2022/11/21/professor-do-instituto-de-biologia-e-premiado-em-conferencia-internacional
Esquizofrenia: uma história sobre a mídia e a identidade dessa doença	-	-	-	Aceito pelo Observatório da Imprensa. Não houve publicação até a finalização deste trabalho. Disponível como material complementar.
Estudo simula o início da esquizofrenia usando neurônios e minicérebros; redução de proteínas chama atenção	Cell & Bioscience	Publicado em 23/11/2022 e embargado até 28/11/2022	-	Agência Bori. Disponível em: https://abori.com.br/saude/estudo-simula-o-inicio-da-esquizofrenia-usando-neuronios-e-minicerebros-reducao-de-proteinas-chama-atencao/

Tabela 1 - Síntese dos conteúdos produzidos sobre trabalhos realizados no LNP Unicamp durante a vigência da bolsa

O primeiro artigo resultante do projeto foi publicado no dia 27/05/2022 no site da Agência Bori e distribuído para a base de jornalistas cadastrados na ferramenta.

O texto trata de uma pesquisa desenvolvida no LNP e publicada na revista “European Archives of Psychiatry and Clinical Neurosciences” e está disponível no link.

A notícia, intitulada “Canabinóides podem ter papel essencial no tratamento de doenças neurológicas”, rapidamente atingiu quase 60 veículos de alcance regional e nacional - segundo clipagem feita pela Agência Bori em média, uma semana de publicação - como o site Agência Brasil, a revista Veja, o portal R7 e a versão brasileira da revista Scientific American. Segundo dados captados pela Agência Bori, esse texto foi o segundo mais acessado no portal durante o mês de maio - foram 59 acessos, contra 62 da primeira colocada.

Após a grande repercussão desse artigo, Daniel Martins-de-Souza, supervisor científico desse projeto, coordenador do LNP e um dos autores do trabalho, usou os resultados obtidos pela publicação como base para produzir e publicar um relato intitulado “#MinhaPesquisaNaBori: a curiosidade despertada pelos psicoativos da maconha”, onde discorre brevemente sobre a importância dos canabinóides e o interesse que essas substâncias geram na população.

No dia 8 de junho do mesmo ano, a parceria entre o LNP e a Agência Bori de comunicação rendeu uma segunda publicação sobre o tema saúde mental. Dessa vez, a notícia divulgava um trabalho em desenvolvimento no laboratório que visava a produção de um exame simples e rápido para facilitar a escolha do medicamento para pacientes diagnosticados com esquizofrenia.

Ainda no mês de junho, o projeto noticiou o estudo de uma nova abordagem para entender e tratar os distúrbios depressivos. O texto foi nomeado “Estudo inédito investiga o papel de células de suporte do cérebro no tratamento da depressão” e foi lançado no site da Agência Bori no dia 20/06/2022. No mesmo dia, a notícia foi publicada integralmente no site e nas redes sociais da Revista Galileu, que é filiada à Editora Globo.

A próxima notícia divulgada transcendeu os limites dos distúrbios psiquiátricos e adentrou o campo das doenças físicas. A matéria, publicada e compartilhada pela agência Bori no início de agosto, tratava sobre uma parceria entre o LNP, o Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ICB-UFRJ) e o Instituto D’Or de Pesquisa e Educação (IDOR) que buscou “impressões digitais” do Zika vírus brasileiro no cérebro humano. A repercussão

dessa notícia também foi positiva, chegando a sites como o [Portal Uol](#) e [Fapesp na Mídia](#) poucas horas após seu lançamento na íntegra.

No mesmo mês, o projeto também noticiou a publicação de um artigo multidisciplinar sobre os efeitos da Covid no cérebro que foi produzido com participação do LNP, da Faculdade de Medicina da Unicamp, da Universidade de São Paulo (USP) e do IDOR.

A saúde mental voltou a ser pauta com o texto “Conhecer a “assinatura molecular” da depressão em idosos pode contribuir para tratamentos mais eficazes, aponta estudo”, produzido no início do mês de setembro. Segundo informações da Agência Bori, a matéria foi uma das mais acessadas no site durante todo o mês - conquistando um total de 93 visualizações, das quais 15 foram de jornalistas cadastrados na plataforma - e ganhou destaque na página principal do portal em decorrência desse feito. A repercussão imediata em 33 veículos foi a maior do mês entre todas as publicações da Agência e permitiu uma grande ampliação do alcance das informações contidas na notícia.

Além dos textos noticiando trabalhos específicos do Laboratório de Neuroproteômica, o projeto também foi palco para a produção de uma reflexão sobre o papel da mídia na formação da imagem da esquizofrenia ao longo dos séculos. Sob o título “Esquizofrenia: uma história sobre a mídia e a identidade dessa doença”, o material foi aceito pelo site Observatório da Imprensa (um portal que publica conteúdos que analisam, de forma crítica, a atuação da mídia a partir de assuntos que estão em destaque na imprensa) e está em vias de publicação.

Ademais, a carreira do coordenador do LNP e também supervisor científico desde projeto Daniel Martins-de-Souza foi homenageada no artigo “Professor do Instituto de Biologia é premiado em conferência internacional”, publicado no jornal da Unicamp no mês de novembro. A matéria fazia referência a recepção da Medalha BrMASS Manuel Riveros, concedida pela Sociedade Brasileira de Espectrometria de Massas (BrMASS) para o docente e que será entregue no mês de dezembro em evento internacional.

Estudos e curso de divulgação científica

Paralelamente, a beneficiária cursou os dois últimos semestres da Pós-Graduação lato sensu em Jornalismo Científico da Unicamp. Esses períodos foram constituídos por 7 disciplinas, sendo elas: Oficina de Jornalismo Científico II: Elaboração de matérias, História da Comunicação da Ciência, Oficina de Multimeios, Políticas Públicas e Sociedade, Oficina de Jornalismo Científico III: Produção de matérias jornalísticas, Linguagem: Jornalismo, Ciência e Tecnologia, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente e Trabalho de Conclusão de Curso. Os conteúdos produzidos nas referidas disciplinas estão sintetizados na tabela 2.

Conteúdos produzidos para a pós-graduação lato sensu em Jornalismo Científico		
Título	Disciplina correspondente	Publicação
Contato rotineiro com a morte pode gerar transtornos físicos e mentais	Oficina de Jornalismo Científico II: Elaboração de matérias	Dossiê “Luto” da revista ComCiência. Disponível em: https://www.comciencia.br/contato-rotineiro-com-a-morte-pode-gerar-transtornos-fisicos-e-mentais/
Esquizofrenia: uma história sobre a mídia e a identidade dessa doença	História da Comunicação da Ciência	Não houve publicação. Disponível como material complementar.
Como você se desloca na sua cidade?	Oficina de Multimeios	Série “Cidades” do podcast Oxigênio. Disponível no link: https://www.oxigenio.comciencia.br/148-transporte-publico-campinas/
Vídeo-reportagem sobre o Jardim Botânico da Universidade Estadual de Campinas	Oficina de Multimeios	Não houve publicação.
Governança da internet: quem cuida dessa rede sem dono?	Oficina de Jornalismo Científico III: Produção de matérias jornalísticas	Dossiê “Governança da Internet” da revista ComCiência. Disponível em: https://www.comciencia.br/governanca-da-internet-quem-cuida-dessa-rede-sem-dono/
Como a memória discursiva aparece na comunicação	Linguagem: Jornalismo, Ciência e Tecnologia,	Não houve publicação. Disponível como material

mediática sobre a esquizofrenia?	Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente	complementar.
Os tons de verde na política ambiental brasileira	Ciência e Tecnologia, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente	Não houve publicação. Disponível como material complementar.

Tabela 2 - Síntese dos conteúdos produzidos para a pós-graduação lato sensu em Jornalismo Científico durante a vigência da bolsa

Discussão

As atividades desenvolvidas durante a vigência da bolsa parecem ter sido capazes de suprir as necessidades identificadas no início do trabalho e enumeradas na proposta deste projeto. Com repercussões registradas em mais de 100 veículos de alcance nacional, os textos produzidos mostraram enorme potencial para ampliar a visibilidade das atividades desenvolvidas no Laboratório de Neuroproteômica da Universidade Estadual de Campinas, sejam eles vinculados ou não ao projeto “Da compreensão básica a biomarcadores clínicos para a esquizofrenia: um estudo multidisciplinar centrado na neuroproteômica”.

Esses números mostram que há grande interesse por parte da mídia e da população pelos assuntos retratados e sugerem que, talvez, um acompanhamento constante e individualizado dos laboratórios de pesquisa em saúde e, conseqüentemente, uma maior produção de conteúdos midiáticos sobre os trabalhos lá desenvolvidos possa facilitar a formação de uma cultura científica mais sólida e reduzir a circulação de desinformações.

Aqui, talvez, também vale mencionar o papel da formação de jornalistas especializados em ciências. A capacitação desses profissionais tem uma função muito maior do que apenas treinar pessoas para “traduzir” o conteúdo acadêmico para a população não especializada, já que abrange também a possibilidade de aumentar o número de especialistas com capacidade de enxergar abordagens cientificamente apuradas que interessem aos veículos e à população e que favoreçam o consumo de notícias não sensacionalistas sobre esses temas.

Quanto ao trabalho aqui desenvolvido, além de favorecer a compreensão sobre transtornos mentais como a esquizofrenia e a depressão, os materiais redigidos tratam não somente de temas relacionados à saúde psicológica, mas também à saúde física, à atuação da mídia na divulgação de Ciências e à atuação

acadêmica - promovendo a aproximação do público externo a diversas faces das Ciências Biológicas e da academia como um todo.

Neste sentido, pode-se dizer que os três principais objetivos propostos neste projeto (trabalhar para desconstruir os paradigmas culturalmente criados sobre as doenças psicológicas, compartilhar as reflexões produzidas durante o desenvolvimento das pesquisas e trabalhar para derrubar os muros que ainda separam a sociedade não-especializada da compreensão dos métodos científicos) foram atendidos, ainda de maneira inicial. Para que os efeitos que começaram a ser produzidos possam prevalecer e crescer ainda mais, é importante que o acompanhamento do laboratório - e da área de conhecimento como um todo - seja contínuo e ampliado.

As agências de notícias e o jornalismo científico

Os resultados aqui descritos reforçam ainda o papel extremamente importante das agências de notícias na construção de um jornalismo científico com alcance cada vez mais amplo. Assim como a Bori, outras instituições - como a Agência FAPESP, a Eurekalert e a Nature Press - já vêm ganhando destaque no papel de agrupar, organizar, produzir e distribuir conteúdos para uma base de jornalistas pré-cadastrados e para o público em geral, facilitando o acesso a informações cientificamente precisas.

Seis dos textos escritos durante a vigência dessa bolsa foram primariamente publicados e compartilhados pela Agência Bori para uma base de quase 2500 jornalistas de todo o Brasil (números que crescem a cada dia), formando uma rede de informações que foi essencial para a repercussão positiva dos artigos. Além disso, diversas pautas foram também compartilhadas no Instagram vinculado ao site da Agência com linguagem adequada a essa plataforma, permitindo que pessoas que buscam conteúdos científicos por essa rede também conseguissem ter acesso às mesmas.

O fomento aos trabalhos feitos nessas agências é essencial para o crescimento da divulgação científica, uma vez que as mesmas são capazes de centralizar informações cientificamente apuradas, produzir conteúdos de informação e distribuí-los de forma ampla e eficaz.

Considerações finais

Ao longo dos três últimos trimestres de 2022, este projeto resultou na produção de 9 textos diretamente relacionados aos trabalhos desenvolvidos no LNP e 6 matérias sobre assuntos diversos feitas durante as disciplinas do curso de especialização em Jornalismo Científico da Unicamp. Estes conteúdos foram publicados primariamente no site e nas redes sociais da Agência Bori e do Jornal da Unicamp e um deles está em vias de publicação e será disponibilizado no site Observatório da Imprensa, ainda sem data definida.

Concomitantemente, a beneficiária finalizou o curso de pós-graduação lato sensu em Jornalismo Científico da Unicamp, concluindo o segundo e o terceiro semestres da referida especialização com sucesso.

Ainda que a proposta tenha surtido efeitos positivos, é importante que a iniciativa aqui apresentada seja continuada e, mais do que isso, ampliada. Os próximos passos podem incluir a produção de outros tipos de mídia, como vídeos, podcasts e infográficos, bem como o contato direto com outros veículos da imprensa para produção de materiais exclusivos.

Dessa maneira, será possível atingir cada vez mais pessoas interessadas nos temas estudados pelo Laboratório de Neuroproteômica da Unicamp, permitindo que doenças como a esquizofrenia, a depressão, o zika vírus e até mesmo os métodos científicos passem a fazer cada vez mais parte do cotidiano e, conseqüentemente, reduzindo os estigmas que cercam esses assuntos.

Referências

1. Crunfli, F., Carregari, V. C. et al. Morphological, cellular, and molecular basis of brain infection in COVID-19 patients. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 119 (2022). Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.2200960119>.
2. De Almeida, V., Seabra, G., Reis-de-Oliveira, G. et al. Cannabinoids modulate proliferation, differentiation, and migration signaling pathways in oligodendrocytes. *European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience*, 272, 1311–1323 (2022). Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00406-022-01425-5#citeas>.

3. Edney, D. R. Mass Media and Mental Illness: A Literature Review. 2004. Disponível em: https://ontario.cmha.ca/wp-content/files/2012/07/mass_media.pdf.
4. Gomes, D. C. A. Tecnologia do imaginário: o jornalismo como promotor das doenças mentais. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6740/2/TES_DENISE_CRISTINA_AYRES_GOMES_COMPLETO.pdf.
5. Living with Schizophrenia. Schizophrenia: A Brief History. Disponível em: <https://livingwithschizophreniauk.org/information-sheets/schizophrenia-a-brief-history/#:~:text=In%20fact%20the%20oldest%20recorded,Papyrus%20of%201550BC%20from%20Egypt.&text=Descriptions%20of%20episodes%20of%20madness,literature%20from%20the%2017th%20century>.
6. Martins-de-Souza, D. Da compreensão básica a biomarcadores clínicos para a esquizofrenia: um estudo multidisciplinar centrado na neuroproteômica. (2021). Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/102687/da-compreensao-basica-a-biomarcadores-clinicos-para-a-esquizofrenia-um-estudo-multidisciplinar-centr/>.
7. Nascimento, J. M., Gouvêa-Junqueira D. et al. Zika Virus Strains and Dengue Virus Induce Distinct Proteomic Changes in Neural Stem Cells and Neurospheres. *Molecular Neurobiology*, 59, 5549-5563 (2022). Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35732867/>.
8. Nascimento, J. M., Saia-Cereda, V., et al. Proteomic signatures of schizophrenia-sourced iPSC-derived neural cells and brain organoids are similar to patients' postmortem brains. *Cell & Bioscience*. (2022).
9. Prado, A. L. et al. O estigma da mente: Transformando medo em conhecimento. *Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia*, São Paulo, Brasil, 33, 100 (2016). Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/23/o-estigma-da-mente--transformando-o-medo-em-conhecimento>.
10. Rocha, Fábio Lopes et al. Doença mental e estigma. *Revista Médica de Minas Gerais*, Minas Gerais, Brasil, v. 25, ed. 4, 18 mar. 2015. DOI. Disponível em: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/1876>.
11. Silva-Costa, Lícia C., Smith, B. J. et al. Plasma proteomic signature of major depressive episode in the elderly. *Journal of Proteomics*, 269 (2022).

- Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1874391922002378>.
12. Silva, H. T., Rodrigues, B. R. et al. Fontes de informação sobre saúde mental: revisão sistemática da literatura. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 11, 3, 169-201 (2021). Disponível em:
<https://www.redalyc.org/journal/4758/475869211009/html/>.
13. Wahl, O. E., Wood, A. & Richards, R. Newspaper Coverage of Mental Illness: Is It Changing?. *Psychiatric Rehabilitation Skills*. 6, 1 (2002). Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10973430208408417>
14. World Health Organization. Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates. (2017). Disponível em:
<http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf;jsessionid=9639D17A5640E08361E879037129325D?sequence=1>.

Materiais complementares

Esquizofrenia: uma história sobre a mídia e a identidade dessa doença

Por Bianca Bosso

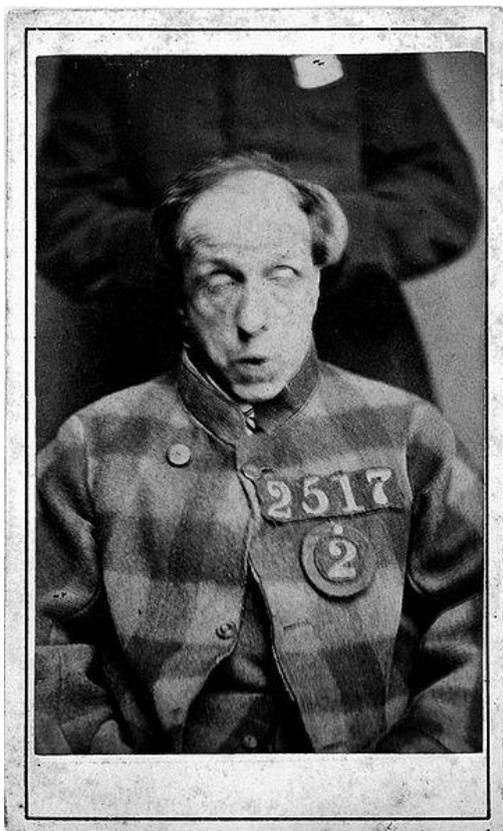
Segundo a Organização Panamericana de Saúde (OPAS), cerca de 23 milhões de pessoas convivem com o diagnóstico de esquizofrenia ao redor do planeta. Esse transtorno pode se manifestar de formas diferentes em cada paciente, incluindo desde dificuldades no convívio social até mesmo alucinações e delírios graves. Apesar do grande número de pacientes afetados, da enorme diversidade de sintomas e de um número crescente de avanços nas pesquisas sobre o tema, esse distúrbio ainda é muitas vezes retratado sob um véu de estereótipos que vêm sendo perpetuados ao longo de séculos de exclusão e preconceito. Segundo Ary Gadelha, Coordenador Geral do Programa de Esquizofrenia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), o preconceito ainda é um fator determinante na vida dos pacientes com esquizofrenia. “O estigma é uma das principais barreiras para que as pessoas com esquizofrenia retomem uma vida produtiva, encontrem trabalho, estudo e novos amigos”, destaca. Para entender como essa imagem foi construída e propagada ao longo do tempo, é importante voltar os olhos para a história da medicina

psiquiátrica e descobrir como os jornais, revistas e noticiários vêm divulgando informações sobre a esquizofrenia e as doenças mentais em diferentes épocas e contextos.

O primeiro registro histórico de uma condição com características semelhantes à esquizofrenia data de 1500 anos antes de Cristo (aC). No entanto, mais de 8 mil anos aC, os gregos e povos mesopotâmicos já traziam em sua cultura uma visão negativa sobre pessoas que apresentavam algum comportamento psicológico diferente do padrão para a época. Essas sociedades associavam as chamadas “perturbações mentais” a maldições divinas, possessões demoníacas e até mesmo à feitiçaria, o que depositava sobre os portadores o peso da vergonha e do perigo.

Distúrbios mentais como a esquizofrenia só passaram a ser classificados como doenças centenas de anos depois, sob a influência do discurso de pensadores e filósofos que viveram no século 500 aC. Essa nova classificação, contudo, não foi capaz de mudar a má fama dos pacientes que lutavam contra sintomas psiquiátricos. Na Europa, por exemplo, as famílias que abrigavam portadores de condições mentais ainda eram vistas como fontes de vergonha e humilhação, o que fazia com essas pessoas muitas vezes ficassem confinadas em porões ou mesmo abandonadas à própria sorte nas ruas.

A descrição médica específica para a esquizofrenia só veio em meados do século 19, quando o pesquisador Emil Krapelin, da Universidade da Estônia, relatou observações sobre a então chamada “demência prematura”. Nesse período, diversos asilos destinados a pessoas com doenças mentais estavam sendo construídos. Era nesses espaços que os pacientes diagnosticados com esquizofrenia e outros transtornos psiquiátricos viviam isolados por vários anos - por vezes, eram condenados a passar a vida toda alheios à convivência com a sociedade. O isolamento, até então, era tido como a melhor forma de garantir a segurança da sociedade, uma vez que o comportamento indesejado desses pacientes era tido como perigoso e vergonhoso.



Esse registro de 1869 mostra o paciente H. Clarke, relatado como prisioneiro no West Riding Lunatic Asylum, uma instituição de saúde mental do Reino Unido. Imagem: [West Riding Lunatic Asylum: prisoner: H. Clarke: 1869 Wellcome L0019071.jpg - Wikimedia Commons](#)

Já durante o século XX, os avanços científicos e tecnológicos permitiram o desenvolvimento de medicamentos antipsicóticos com capacidade de controlar os sintomas da esquizofrenia. Os efeitos colaterais dessas drogas, que incluíam tremores intensos e sedação profunda, só começaram a ser superados na segunda metade do século com o surgimento de uma nova geração de medicamentos. Aliados à recém desenvolvida terapia cognitivo-comportamental, essas medicações trouxeram consigo a promessa de promover um tratamento mais humanizado aos pacientes esquizofrênicos.

Século XX: a mídia como reflexo das crenças populares

Ao mesmo tempo em que diversas pesquisas buscavam desenvolver tratamentos mais humanizados com a capacidade de retornar os pacientes psiquiátricos ao convívio com a sociedade, o interesse dos veículos de comunicação pela esquizofrenia parecia estar centrado em um viés estereotipado e obscuro. Essa tendência foi observada em um estudo realizado na década de 80, onde os pesquisadores David Day e Stewart Page, da Universidade de Windsor, no Canadá, analisaram 103 notícias sobre a saúde mental

publicadas no país entre os anos de 1977 e 1984. A pesquisa revelou que havia um interesse especial por parte da mídia pela esquizofrenia, uma vez que essa doença era mencionada em 77% dos artigos examinados. O contraponto é que grande parte dessas matérias abordava somente aspectos negativos relacionados ao quadro, destacando que os pacientes poderiam ter traços “perigosos” de personalidade - como dependência, imprevisibilidade, ansiedade e dificuldade de conviver na sociedade.

Um cenário semelhante foi encontrado pelos autores Otto Wahl, Amy Wood e Renee Richards em publicações americanas da década de 90. Por meio de uma pesquisa realizada na Universidade George Mason, nos Estados Unidos, os autores compararam 600 notícias publicadas entre 1989 e 1999 sobre o mesmo tema e constataram que a esquizofrenia também foi um assunto de destaque nesse período. A doença apareceu em 16% das notícias veiculadas em 1989 e em 24% das notícias veiculadas em 1999, mostrando um aumento do interesse pelo assunto ao longo da década. Porém, a maioria desses artigos e dos demais relacionados à saúde mental ainda focavam na dita periculosidade dos pacientes psiquiátricos, narrando casos criminais cometidos por pessoas supostamente diagnosticadas com esses quadros.

O estudo americano identificou ainda outro agravante na divulgação de notícias sobre saúde mental nesses veículos: poucos artigos nomeavam os distúrbios individualmente, bem como seus sintomas ou características específicas. Dessa forma, acabavam colocando todos os pacientes psiquiátricos em uma mesma categoria, sem considerar as individualidades de cada doença, dificultando a identificação do quadro pelos pacientes, familiares ou pessoas do convívio e somente colaborando para um imaginário estereotipado envolvendo esses distúrbios.

Apesar de essas pesquisas revelarem uma ligação forte entre a esquizofrenia e termos como “violência”, “perigo”, “crime” e “imprevisibilidade” na divulgação midiática do século XX, Ary Gadelha explica que a maior parte das pessoas com esquizofrenia não é violenta. “Em alguns momentos, podem ficar agressivas se sentirem que estão sendo ameaçadas. Mas, quando agudamente sintomáticas, tendem a ficar mais retraídas e se proteger”, relata o psiquiatra.

Século XXI: o reflexo do passado se perpetua

Na contramão do longo estigma perpetuado por séculos, os tratamentos atuais para a doença já são capazes de permitir a inserção do paciente na

sociedade. O acompanhamento adequado pode reduzir a duração dos sintomas e manter a pessoa livre de crises psicóticas por períodos cada vez mais longos.

Mesmo que ainda não haja uma cura para a esquizofrenia, segundo dados do portal Living with Schizophrenia, que se dedica a publicar experiências de pessoas que convivem com a esquizofrenia, cerca de 25% das pessoas que experimentam um episódio dessa doença se recuperam totalmente e não têm mais problemas em sua vida. Outros 50% melhoram significativamente com a medicação, mas podem sofrer sintomas residuais esporadicamente.

Mesmo assim, as sequelas sociais do estereótipo alimentado sobre a esquizofrenia se perpetuam até os dias de hoje. Mais de três décadas depois do estudo de Otto Wahl, em 2012, pesquisadores do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo, lideraram um estudo buscando compreender como veículos brasileiros de grande circulação no século XXI aborda a esquizofrenia, seja como termo ou como a doença propriamente dita. O estudo revelou que a mídia atual ainda traz à tona os estereótipos criados nas décadas anteriores, relacionando muitas vezes a doença a termos como “crime”, “violência” e “frieza”. A generalidade notada nas publicações americanas da década de 90 também parece estar presente nos textos analisados pela equipe. “Há a tendência à generalização de casos isolados”, postula o artigo.

Outro ponto destacado pela pesquisa diz respeito à recente apropriação do termo “esquizofrenia” como uma metáfora depreciativa, frequentemente utilizada fora do contexto da doença como sinônimo de “loucura”, “bagunça” ou “inconstância” em construções como a frase “existe uma certa esquizofrenia na administração municipal”, que foi publicada no jornal Folha de São Paulo em junho de 2011.

ENCALACRADA

Especialistas ouvidos pela Folha, que também participaram do C40, dizem que a cidade está "encalacrada".

"Existe uma certa esquizofrenia na administração municipal", diz Paulo Saldiva, da USP, especialista em poluição do ar. "A mesma prefeitura que faz a inspeção veicular investe em obras viárias para ajudar o carro."

Na avaliação do especialista, antes mesmo de o governo tomar alguma providência, a opinião pública é que vai passar a cobrar por soluções. "Ninguém aguenta mais o trânsito da cidade."

Captura de tela do texto “Para Kassab, maior restrição aos carros “só em dez anos”, publicado na Folha de São Paulo em 5 de junho de 2011. Disponível em: [Folha de S.Paulo - Para Kassab, maior restrição aos carros “só em dez anos” - 05/06/2011](#)

Esses dados revelam que, ainda que anos de pesquisas e avanços científicos tenham possibilitado a convivência mais amena dos pacientes com os sintomas da esquizofrenia, o peso dos estereótipos históricos ainda permanece sendo depositado sobre a identidade dessas pessoas. “Não é que busquemos esconder o lado difícil de ter esquizofrenia, mas é que as pessoas com esquizofrenia são muito mais do que a sua doença e podem ser fantásticas”, conta Ary Gadelha. A desconstrução desse estigma passa por inúmeros fatores sociais, entre os quais a reformulação da forma com que a mídia retrata essa doença pode ser um ponto decisivo. “Ter uma perspectiva diferente é a única maneira de reduzir o estigma e dar mais visibilidade e oportunidade para as pessoas com esquizofrenia”, explica Gadelha. “Parece que a imprensa já tem uma pauta definida e não se abre para apresentar outras perspectivas”, continua. Além de prezar pela divulgação de materiais atualizados e cientificamente precisos e abrir mão do uso de termos médicos como expressões preconceituosas, é preciso dar voz ao portador de esquizofrenia, favorecendo o acesso da população a informações reais e reduzindo o preconceito generalizado.

Os tons de verde na política ambiental brasileira

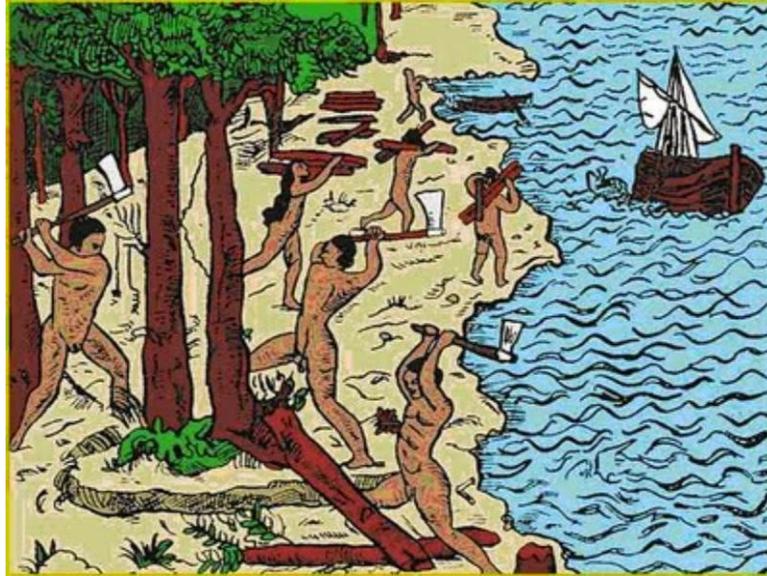
Trajatória brasileira de preservação ambiental ainda é jovem e enfrenta limitação frente às políticas neoliberais; partidos com pautas ecológicas eleitos em 2022 buscam reforçar as políticas públicas na área

Bárbara Fernandes, Bárbara Paro, Bianca Bosso e Luís Botaro

De agosto de 2021 a julho de 2022, a área derrubada somente na Floresta Amazônica ultrapassou 10 mil quilômetros quadrados, o pior índice dos últimos 15 anos, [segundo dados do Instituto Imazon](#). Esses números são reflexo da flexibilização da fiscalização e do desmonte de políticas públicas e do órgão de fiscalização ambiental, o IBAMA - ações que vêm revertendo avanços importantes alcançados pela jovem política ambiental brasileira, 30 anos após a Rio-92.

Em a “Trajetória da Política Ambiental do Brasil”, Adriana Moura relata que a relação do país com o meio ambiente foi construída sob os preceitos da exploração durante o período de colonização. De acordo com a pesquisadora, a partir desse

momento, a natureza passou a ser tida como um recurso para o país - seja para sustentar a colônia, para abastecer a indústria, para crescer a economia. Nesse sentido, sua finitude passou a representar uma ameaça ao desenvolvimento do país.



“A exploração do pau-brasil”. André Thevet (1575)

Segundo Moura, gradualmente e sob pressão de movimentos ambientalistas e órgãos internacionais, a legislação no Brasil passou a considerar o meio ambiente como um bem de interesse comum. Entretanto, somente a partir da década de 1960, o Brasil começou a engatinhar para estabelecer e ampliar políticas de proteção ambiental, um progresso que seguiu pelas décadas de 80 e 90. Porém, a pauta realmente ganhou força com dois fatores: a Constituição de 1988, que dedicou um capítulo exclusivo ao meio ambiente; e ao sediar a Rio-92, conferência das Nações Unidas que foi o momento essencial para o comprometimento de países do mundo todo com a agenda de conscientização ambiental e ecológica.

Entre o início dos anos 2000 e o momento atual, muitas dessas políticas foram se consolidando e apresentando resultados. Entre 2004 e 2005 os índices de quilômetros quadrados desmatados foram de 27 mil para 19 mil. Em 2010, seguindo este decréscimo, o número chegou à casa de um dígito, com 7 mil quilômetros quadrados desmatados, segundo [dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais \(INPE\)](#). Tais dados sugeriam que a preservação do ambiente estava se tornando um tema relevante nas decisões políticas e sociais.



Infográfico "Uma Breve História das Políticas Públicas Voltadas para o Meio Ambiente no Brasil" produzido no Canva com dados retirados do artigo "Trajetória da política ambiental federal no Brasil", de Adriana Moura.

Em contrapartida, o suposto embate entre o desenvolvimento do país e a preservação ambiental ganhou espaço no debate. "Essa narrativa de que o agronegócio é o grande vetor do desmatamento é um problema, porque aí você coloca todo um setor contra a lógica da questão da necessidade de preservação", aponta Jean Ometto, pesquisador do INPE e vice coordenador da Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais (Rede CLIMA). Apesar do desmatamento e agricultura serem os setores que mais contribuem para a emissão de gases causadores das mudanças climáticas, ele reforça que "é preciso mudar o entendimento da importância da preservação ambiental e da composição da produção com a conservação", afirma, citando que ações de ocupação territorial,

como a definição de áreas de conservação, são importantes para a própria existência do agronegócio e também da sociedade.

Porém não foi isso que aconteceu após as eleições de 2018, quando Jair Messias Bolsonaro, então filiado ao Partido Social Liberal (PSL), foi eleito presidente e nomeou Ricardo Salles como ministro do meio ambiente. No período de 2019 a 2022, algumas atribuições do Ministério do Meio Ambiente foram extintas, como a Agência Nacional de Águas, transferida para o Ministério de Desenvolvimento Regional, e o Serviço Florestal Brasileiro, transferido para o Ministério da Agricultura. A participação da sociedade civil também foi reduzida e a fiscalização foi flexibilizada, ações que tiveram resultados negativos e rápidos, como o recorde de desmatamento. “Houve um desrespeito às áreas indígenas e às áreas de conservação. As ações foram voltadas para a iniciativa privada e à transformação da cadeia de produção (...), com pouca ação governamental”, destaca Ometto.



Ricardo Salles, Ex-ministro do meio ambiente do Brasil posa diante de madeira apreendida pelo Ibama

Assim, diante de uma crise ambiental, candidatos a deputados federais e estaduais conclamaram as eleições de 2022 como a possibilidade de barrar o projeto de desmonte das políticas ambientais no Brasil e recuperar as estatísticas positivas de preservação do meio ambiente conquistadas no início do milênio.

Partidos eleitos em 2022 têm diferentes propostas para lidar com o meio ambiente

Em 2023, a câmara dos deputados eleita contará com representação de 23 partidos políticos, com o Partido Liberal (PL), Partido dos Trabalhadores (PT), União Brasil (UB), Progressistas (PP), Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e Republicanos ocupando as maiores bancadas.



Infográfico das bancadas partidárias dos deputados eleitos em 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/composicao-da-camara-2023/index.htm>

!

As propostas defendidas durante o processo eleitoral revelam que, embora os tópicos ligados ao meio ambiente apareçam, muitas vezes, de forma incompleta no discurso dos partidos, a busca por uma sociedade que respeite a preservação do meio ambiente é um tópico recorrente nas falas políticas. Palavras como “desmatamento”, “sustentabilidade” e “universalização” marcaram presença nos discursos dos partidos e candidatos durante as eleições de 2022 e trouxeram à tona conversas sobre até que ponto a política deve estar vinculada à ecologia. A diversidade de abordagens dadas a estes tópicos, no entanto, demonstra uma variedade de visões acerca dos temas, mostrando que os movimentos ambientalistas podem existir sob muitas faces.

De forma geral, o grupo de partidos que se posicionam ideologicamente à centro-direita e à direita apresenta pautas ambientais, mas sem propostas de mudanças estruturais no sistema produtivo e econômico. O PL, partido de Bolsonaro, [cita o meio ambiente em apenas três linhas](#) de seu programa partidário, apenas citando uma “defesa intransigente do meio e do patrimônio natural do país”. Já o [União Brasil cita o tema](#) reafirmando a importância do agronegócio: em seu projeto de governo, diz que o agronegócio respeita o meio ambiente e que, por esse motivo e por ser um setor produtivo, deve ser valorizado. Em um segundo momento, também enfatiza que a pauta ambiental é importante na discussão de políticas públicas urbanas, especificamente no descarte de resíduos.

O Programa Partidário do MDB, por sua vez, [menciona](#) que o partido defende uma política de desenvolvimento autossustentável por dois motivos: entendem que o desemprego é um fator que contribui para a degradação ambiental e a poluição; e porque o desenvolvimento sustentável é uma maneira de conservação do solo para atender as necessidades das gerações futuras. [Em seu Código de Ética](#), o partido menciona a pauta ambiental em três incisos diferentes: “desenvolver e estimular ações de respeito ao meio ambiente e de combate ao desperdício”; “zelar pela aplicação de critérios de sustentabilidade e de preservação do meio ambiente” e, por fim, há um inciso que menciona a punição de “filiados que pratiquem crimes contra o meio ambiente”.

Partidos de esquerda despendem mais atenção ao meio ambiente

[Um levantamento realizado pela jornalista Cristiane Prizibiszki](#) para o jornal O Eco mostrou que os partidos que mais se posicionaram a favor dos PLs do Pacote da Destruição foram o Novo, Avante e Progressistas (PP), segundo dados do [Monitor](#). Já os partidos que mais se opuseram aos PLs foram Rede, Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido Democrático Trabalhista (PDT). Tais dados sugerem que há um protagonismo de partidos de esquerda com ideais e escolhas econômicas em torno da sustentabilidade e meio ambiente.

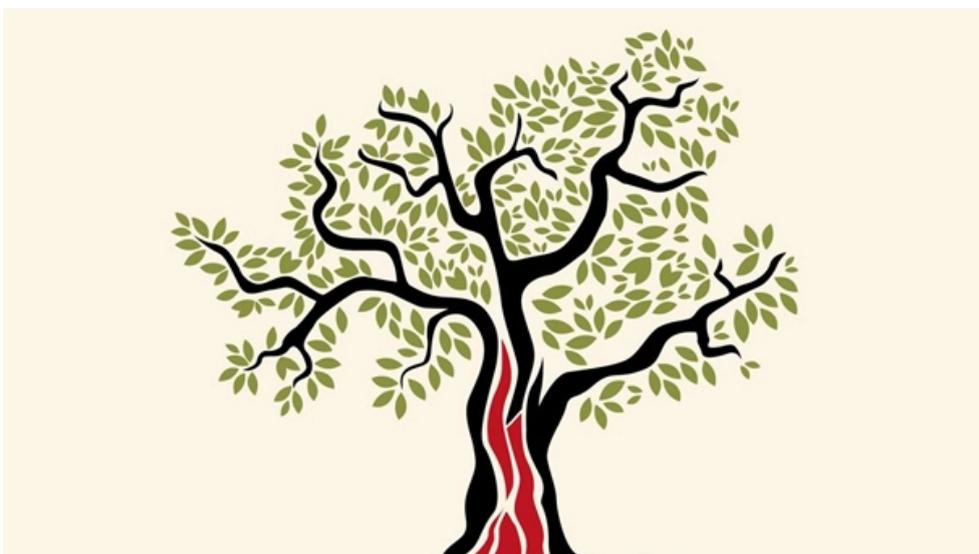
O PT, no entanto, não apresentou propostas elaboradas dentro da pauta ambiental. Elas se resumem a uma breve menção à defesa do meio ambiente no [estatuto do partido](#), acompanhada da menção à criação da secretaria dedicada a

essa pauta. Já o PSB, partido do futuro vice-presidente, Geraldo Alckmin, e também o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) trazem a pauta como central para as discussões.

No documento chamado "[Autorreforma: Propostas de Teses para o Novo Programa do PSB](#)", o partido traz discurso parecido com o do manifesto, mencionando que a exploração irracional e não sustentável promovida pela mineração é capaz de causar destruição e desequilíbrio no meio ambiente. Para o partido, o desenvolvimento sustentável tem três pilares constituintes: economia inclusiva, proteção social e conservação ambiental. Sobre a economia verde, menciona também que é possível construir um cenário econômico que promova o bem-estar ao mesmo tempo em que reduz os riscos ambientais das atividades econômicas.

O [Programa do PSOL](#) conta com uma parte específica sobre ações e reivindicações dos trabalhadores e do povo pobre que sejam "democráticas, anticapitalistas e anti-imperialistas" e cita a pauta da preservação do meio ambiente como uma dessas reivindicações. O programa também informa que a superação do capitalismo é vital para a questão ecológica tendo em vista que "as forças de distribuição irracionais acumuladas pelo sistema ameaçam o conjunto da humanidade e da vida no planeta".

O ecossocialismo e o codesenvolvimentismo na Câmara em 2023



Árvore símbolo do ecossocialismo. Disponível em:

<https://convergenciabloco.com/2022/01/27/a-crise-ambiental-multiforme-e-a-urgencia-do-ecossocialismo/>

O aumento de cadeiras da coligação PSOL-REDE, que apresenta propostas ambientalistas com perspectivas diferentes, foi um dos destaques na formação do Congresso que atuará a partir de 2023. De um lado, a Rede se intitula ambientalista, mas com ideias que se posicionam da centro-esquerda à esquerda socialista. Do outro, o Psol representa um grupo com discurso ambientalista que se encaixa no movimento ecossocialista.

Pautado em pensamentos marxistas e de preservação do meio ambiente, o ecossocialismo é um movimento ecológico que defende a necessidade de uma mudança política e econômica para reverter a catástrofe ecológica em curso atualmente, agrupando as lutas sociais com as lutas em prol ao meio ambiente. Sônia Guajajara, Guilherme Cortez, Sâmia Bomfim e Mônica do Movimento Pretas são só alguns dos exemplos de Deputados eleitos pelo PSOL que defendem esta pauta. “O ecossocialismo critica a forma com que o sistema de produção se torna o causador da destruição ambiental e garante novos debates como a questão do nutrídio e racismo ambiental.” afirma Gabriella Paganini, estudante e militante do PSOL e Coletivo Ecoar - juventude Ecossocialista. “Ou derrubamos o capitalismo hoje ou não haverá amanhã, é ecossocialismo ou extinção” conclui Paganini.

As pautas ambientais são ainda mais diversas quando se olha para um contexto mais amplo de partidos. O ecodesenvolvimentismo, também conhecido como crescimento sustentável, é um exemplo de corrente ecológica não-ecossocialista. Diferente do ecossocialismo, este movimento não se opõe às formas de produção capitalistas, mas defende que a consciência da escassez dos recursos naturais e a preservação ambiental sejam consideradas nas práticas de produção. No artigo “Ecodesenvolvimento, desenvolvimento sustentável e economia ecológica: em que sentido representam alternativas ao paradigma de desenvolvimento tradicional?”, a pesquisadora Brena Paula Magno Fernandez explica que esta é uma corrente que se opõe ao “crescimento zero”, defendido por algumas correntes ecológicas, mas também ao crescimento contínuo, que norteia a economia neoclássica.

Para Talita Gantus de Oliveira, há diferenças inconciliáveis entre o ecossocialismo e o ecodesenvolvimentismo. A pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Ação em Conflitos, Riscos e Impactos Associados a Barragens (CRIAB) da Unicamp e integrante do Coletivo Anticapitalistas, de vertente ecossocialista, afirma que “Não há viabilidade socioecológica e justa no ecodesenvolvimentismo – uma vertente do capitalismo verde (...) O ecodesenvolvimentismo e o capitalismo soterram práticas culturais e formas de vida humana e não-humana ao negarem a soberania popular e a autodeterminação dos povos em nome do progresso e do desenvolvimento do capital com a construção de megaempreendimentos”.

Outros movimentos ecológicos que visam a conservação do meio ambiente, como os chamados partidos verdes, também são defendidos por alguns candidatos das eleições atuais, porém essas correntes apresentam fatores divergentes. “Acredito que é muito importante diferenciar o ecossocialismo de um mero movimento ambientalista, da tradicional ecologia. Esses grupos, muitas vezes, não fazem uma análise crítica da realidade, focando apenas em ações pontuais sem discutir a estrutura que sustenta esses caos ambiental que vivemos atualmente” discorre Paganini.

A eleição destes e outros políticos com discursos fortemente ambientalistas ainda não significa que o país passará por uma reestruturação do sistema econômico em um futuro próximo. No entanto, pode simbolizar um passo importante para que as ideias do movimento ecológico atinjam os governantes e a população com cada vez mais força construindo as bases para que modelos que priorizam as lutas ambientalistas se consolidem e reduzam os danos causados pela exploração inconsequente da natureza. “Não existe ‘consumo consciente’ no capitalismo, por isso é fundamental que tenhamos mulheres e homens dispostos a lutar por essas pautas nos espaços de debate e representação políticos” comenta Paganini.

"A mudança estrutural que nós temos que ter é na leitura da importância desses elementos. O país - seus entes sociais, políticos e corporativos - tem que trazer a questão das mudanças climáticas como algo sério, urgente e que precisa ser tratado", afirma Ometto, que finaliza dizendo que "não vai ser fácil, mas tem uma expectativa [para o próximo ano] de que ações sejam tomadas rapidamente, o próximo governo tem apoio nacional e internacional para isso".

Políticos, imprensa e Ciência devem andar de mãos dadas em 2023

Jean Ometto salienta que a participação da ciência no processo de tomada de decisões políticas é imprescindível, principalmente no que diz respeito às pautas ambientais. “Trazer a Ciência para o seio dessas decisões é central, não se faz nada sem boa informação”, explica. “Espero que [no próximo governo] haja um diálogo entre o Ministério da Ciência e Tecnologia e o Ministério do Meio Ambiente. A informação que é gerada pela comunidade brasileira é muito rica”, finaliza.

Marco Túlio Câmara, pesquisador em comunicação e integrante do CRIAB da Unicamp, acrescenta que a imprensa também tem um papel essencial na disseminação de informações que permitem a participação popular na formulação de políticas ecológicas. “A imprensa tem um papel educativo muito grande (...). Analisei, junto a uma colega de Doutorado, a cobertura da imprensa latino-americana sobre os incêndios no Pantanal”, relembra o pesquisador. “O que observamos foi o silenciamento brasileiro acerca da relação com agronegócio e políticas do então governo Bolsonaro, que incentivava essas práticas”, explica. O estudo de Câmara reitera a importância de haver uma complementaridade entre o trabalho da imprensa e aquele realizado pelos partidos e candidaturas ambientalistas, que embora dialoguem com seu eleitorado, não têm o mesmo alcance de comunicação que a imprensa.

Memória, mídia e esquizofrenia: uma relação de lembrança e silenciamento

Bianca Bosso

Introdução

Esse ensaio se propõe a analisar o texto “Esquizofrenia: uma história sobre a mídia e a identidade dessa doença”, escrito por mim, Bianca Bosso, durante o primeiro semestre de 2022 como parte do trabalho de conclusão de curso na pós-graduação em Jornalismo Científico do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a perspectiva de memória discursiva e análise do discurso.

A ideia central dessa produção é discutir como a memória pode ter afetado e pode afetar a construção e a disseminação das imagens vinculadas à esquizofrenia atualmente, trazendo breves contextualizações históricas e teóricas.

Memória e formulação de discursos

Para Michel Pêcheux, fundador dos estudos sobre análise de discurso, um dos fatores determinantes para a produção de sentidos em uma fala é o conjunto de lembranças inconsciente que o autor carrega. Essa carga é formada pela evocação de memórias sobre “aquilo que já foi dito”, visto ou vivenciado pelo interlocutor. Isso significa que a constituição dos dizeres é, para Pêcheux, atravessada pelas vivências, recordações e pelo contexto histórico-ideológico no qual o autor do discurso está inserido.

A lógica de Pêcheux se aplica às mais diversas formas de produção discursiva, incluindo os textos escritos, falados e até mesmo representações linguísticas não verbais. É possível identificar marcas e interferências da memória inclusive ao analisarmos a composição de notícias de cunho científico, sendo que a forma que o autor escolhe (consciente ou inconscientemente) retratar as informações veiculadas pode ser determinante para a formação de opinião dos leitores sobre o assunto noticiado.

Nesse sentido, é impreterível notar o papel da memória na veiculação de matérias sobre a saúde, uma vez que podemos dizer que a formação da identidade de uma doença na memória coletiva é, em parte, vinculada a maneira que a mesma vem sendo retratada ao longo dos séculos pelos veículos que disseminam informações sobre ela.

A memória discursiva e a identidade da esquizofrenia

Um caso que exemplifica esse processo é analisado no texto “Esquizofrenia: uma história sobre a mídia e a identidade dessa doença”, escrito por mim durante o primeiro semestre de 2022. Nessa matéria, esquematizei uma revisão permeada por reflexões sobre como a mídia noticia casos relacionados a esse transtorno desde sua descrição médica e como a memória do sujeito afetou e é afetada pelos discursos compartilhados. Citando Orlandi (2005), “o sujeito é determinado pela

exterioridade mas, na forma sujeito-histórica que é a do capitalismo, ele se constitui por essa ambiguidade de, ao mesmo tempo, determinar o que diz”.

Como todo dizer produz sentidos a partir daquilo que já foi dito, o primeiro passo para a análise foi estudar como a esquizofrenia era vista e descrita séculos antes de sua identificação. Mais de 8 mil anos antes de Cristo, os gregos e mesopotâmicos já traziam em sua cultura uma visão negativa sobre pessoas que apresentavam comportamentos psicológicos diferentes do padrão. Essas sociedades associavam as chamadas “perturbações mentais” a maldições divinas, possessões demoníacas e até mesmo à feitiçaria, o que já depositava sobre os portadores o peso da vergonha, da humilhação e do perigo.

Essa carga pejorativa foi inserida no imaginário popular e transmitida através dos discursos por anos, fazendo com que produzisse efeitos na memória coletiva mesmo após o século XX, quando os avanços científicos e tecnológicos permitiram o desenvolvimento de medicamentos antipsicóticos com capacidade de controlar os sintomas da esquizofrenia. Ainda neste período, muitos os pacientes com transtornos psicológicos eram isolados, escondidos e excluídos do convívio com a sociedade por representarem um símbolo vivo de vergonha.

Mas é na formulação do discurso que a linguagem e a história se misturam e as notícias divulgadas nos anos 1900 não deixam de lado a imagem construída nos séculos anteriores para os transtornos mentais. O interesse dos veículos de comunicação pela esquizofrenia parecia estar focado na face mais estereotipada da doença: a periculosidade e a imprevisibilidade vinculadas historicamente aos pacientes. Como pontuou Souza (2014), o outro lado da moeda da memória é o esquecimento; e, a fim de construir um sentido para a representação da doença, os interlocutores abriram mão de diversos outros. Enquanto o grande cerne das discussões sobre o transtorno era o lado obscuro da doença, os avanços científicos positivos que surgiam dia após dia pareciam silenciados.

Orlandi (2004) aponta que a ambiguidade da estereotipização, processo que parece ter acontecido na construção da identidade da esquizofrenia, está no fato de que, ao mesmo tempo em que ela une pontos diferentes em uma mesma caixinha e simplifica a realidade, também remete à ideia de estabilidade. Sendo assim, embora favoreça uma visão generalista que alimenta preconceitos, é passível de fornecer maior segurança e sensação de continuidade. Em interpretação livre, talvez essa seja uma das razões para o estigma sobre a esquizofrenia ter se perpetuado e

fortalecido por tanto tempo. Em conjunto com a carga de lembranças evocada inconscientemente e trazida na memória coletiva há séculos, os clichês sobre a doença mantiveram aqueles que não são afetados por ela em uma posição confortável, conhecida, para falar sobre a mesma.

Ainda que hoje, na terceira década do século XXI, os tratamentos para a esquizofrenia já sejam capazes de permitir a inserção do paciente na sociedade, reduzindo a duração dos sintomas e mantendo a pessoa livre de crises psicóticas por longos períodos, as sequelas sociais do estereótipo que vive às sombras da memória e entremeado ao interdiscurso ainda vivem.

Um estudo realizado em 2012 por pesquisadores do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo revelou que a mídia atual ainda traz à tona os estereótipos criados nas décadas anteriores, relacionando o transtorno a termos como “crime”, “violência” e “frieza”. O artigo também destaca que o termo “esquizofrenia” tem sido usado como uma metáfora depreciativa, frequentemente empregada fora do contexto da doença como sinônimo de “loucura”, “bagunça” ou “loucura”. Um exemplo recente é a fala do apresentador William Bonner, da rede Globo, quando, ao tentar justificar uma explicação confusa que tentara fazer, disse: “não é que minha esquizofrenia tenha chegado a esse ponto. Me disseram uma coisa no ponto [eletrônico], que tínhamos uma informação nova”.

A utilização da palavra “esquizofrenia” em contextos diversos revela ainda uma outra faceta da atuação da memória discursiva sobre um dizer. O receptor da mensagem, ou seja, aquele que lê, escuta ou recebe as informações transmitidas pelo interlocutor também atravessa suas memórias inconscientes para compreender aquilo que está sendo transmitido. Dessa maneira, como bem pontua Orlandi (2005), “uma formulação se transforma em várias outras sem que se toque no domínio da constituição, onde um sentido poderia vir a ser outro, na sua historicidade”. Isso quer dizer que as próprias experiências e memórias do receptor podem alterar o sentido do dizer. Por exemplo, mesmo que o interlocutor tenha produzido uma fala sobre a esquizofrenia como condição médica, se ao ouvir o termo o apresentador do Jornal Nacional remete o significado à loucura - de acordo com suas vivências e lembranças-, este pode passar a entender e reproduzir a palavra com o sentido diferente.

Toda a discussão apresentada no texto “Esquizofrenia: uma história sobre a mídia e a identidade dessa doença” e também neste ensaio sugerem que, ainda que

anos de pesquisas e avanços científicos tenham conseguido modificar as características dos pacientes com esquizofrenia, o peso dos estereótipos históricos ainda permanece na memória coletiva e segue sendo depositado sobre a identidade dessas pessoas. A busca por atitudes menos preconceituosas e mais tolerantes com os pacientes diagnosticados com a doença pode, portanto, atravessar o caminho de ressignificar os sentidos incorporando-os a novos contextos e desconstruindo a imagem prioritariamente negativa que cerca o imaginário e a memória coletiva.